



As delícias de um cão velhinho

Cuidar de um cão idoso não é fácil, especialmente quando a velhice é acompanhada de comorbidades diversas. Dito isso, cuidar de um cão idoso tem suas delícias e é sobre elas que escreverei aqui, enquanto penso no fuço preto-esbranquiçado do Bento, meu salsichinha de 13 anos e 6 meses.

Durante esse período — que é muito e, simultaneamente, tão pouco tempo —, Bento me deu uma série de sustos, como comer a cabeça de uma Cinderela de borracha, engolir um medicamento para tireoide, cair de fuço em um pequi espinhento, espetar o olho no arame farpado, sofrer de indigestão após degustar o cadáver de um lagarto e operar, às pressas, uma hérnia de disco.

Porém, jamais pensei que, um dia, receberíamos o diagnóstico de disfunção cognitiva canina (DCC), vulgo Alzheimer de cachorro. Assim como na versão humana, é uma doença neurodegenerativa, para a qual ainda não existe cura. Foi detectada há um ano e, desde então, fazemos o controle com óleo de cannabis, mas é impossível evitar a progressão do mal. Dia a dia, noto uma faísca a menos nos olhinhos dele que, contudo, continuam os mais doces que já vi na vida.

O diagnóstico de DCC marcou a entrada oficial de Bento na velhice. Oficialmente, cães tornam-se idosos aos 7 anos. Porém, o tempo passava e ele continuava o mesmo, exceto por um pelo branco aqui ou ali.

Até o dia em que, de supetão, os anos decidiram pesar em seu corpinho. Começou em janeiro do ano passado, com um arfar fora do comum e uns giros pela casa, como se procurasse por alguma coisa. A progressão foi rápida: parou de receber a Domingas, nossa “fiel escudeira”, na porta, como fez todas as quartas-feiras ao longo de 12 anos. Então, deixou de latir; esqueceu de que o tapete do xixi é o higiênico, e não o da sala; perdeu peso; as patinhas enfraqueceram (mesmo fazendo fisioterapia semanal); e ele passou a “entalar” em cantinhos de onde saía com a maior facilidade.

Não foi fácil aceitar o diagnóstico, mas fui me adaptando à “nova configuração” do Bentinho, e o meu amor por ele, que eu pensava já ser o maior do mundo, também progride à medida que meu velhinho mais precisa dos meus cuidados.

Bento, que era rabugento e avesso a carinhos,



G O M E Z

agora não dispensa um colo, ama dormir grudadinho comigo e, o mais importante, deixa que eu segure a patinha dele, que é uma das coisas mais gorduchas e fofas do mundo canino.

A sabedoria da idade evita que implique com outros cachorros nos passeios (mas, de vez em quando, ele ainda ameaça abocanhar um mais afoito, embora o gesto saia em câmera lenta). Bento também finalmente me deixa comer em paz: já não late sem parar um segundo, me constringendo para dividir as merendas...

Nossos passeios são mais curtos, mas muito bem aproveitados. Sem aquela afobação dos jovens, Bento se dedica a cheirar cada arbusto, e é ele quem sempre escolhe o caminho e a hora de voltar para casa. Também passamos muito mais tempo juntos porque evito sair, para fazer companhia a ele — e não me arrependo nenhum pouco.

Ontem à noite, dormi, se muito, meia hora, porque Bentinho ficou rodopiando pela casa,

e a todo momento entalava em um móvel. Quando finalmente consegui que se aquietasse, tive uma conversa séria com ele. Expliquei que não me importo de dormir pouco, de ficar mais em casa, de deixar de viajar. Que só me importa o bem-estar dele. Combinamos que ele vai tentar ficar o maior tempo possível aqui, comigo — mas, antes que sofra, está liberado para partir.

Até lá vou curtir cada fraldinha trocada, cada comidinha que preparo semanalmente (e que ele devora com gosto), cada passo vagaroso que damos juntos, cada pausa nos passeios. Conviver com um cão idoso é desafiador, mas reconfortante. É uma aula diária de amor, paciência e dedicação.

Cuide bem do seu velhinho. Não é uma agrura, é um privilégio.

PS: Na próxima semana, Maria Paula, titular da *Crônica da Revista*, volta a escrever aqui. Muito obrigada pela leitura dos últimos domingos e pelas mensagens enviadas por email!